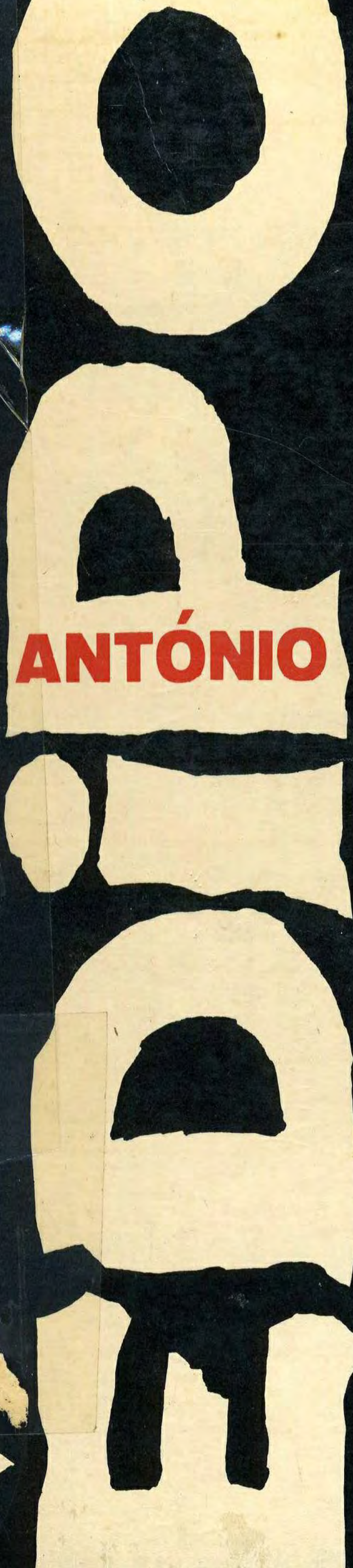
O ALFAMA DE ANTÓNIO MARINHEIRO



BERNARDO SANTARENO

BERNARDO SANTARENO

ANTÓNIO MARINHEIRO

(O ÉDIPO DE ALFAMA)

PEÇA EM TRÊS ACTOS

(2.ª Edição)

EDIÇÕES ÁTICA

LISBOA

PERSONAGENS

ANTÓNIO MARINHEIRO	20 anos
AMÁLIA	36 »
BERNARDA	60 »
ROSA	27 »
RUI	28 »
A LOUCA	50 »
ANINHAS	8 »
ADOLFO	30 »

1.ª MULHER
2.ª MULHER
3.ª MULHER
4.ª MULHER
1.º HOMEM
2.º HOMEM
3.º HOMEM

MULHERES E HOMENS DE ALFAMA

LISBOA, ALFAMA

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc.

Ao fundo, a porta da rua; ainda ao fundo, mas mais à direita, uma janela. À esquerda, uma porta que dá para o quarto de Bernarda (que serve também de cozinha).

À direita, porta para o quarto de Amália. Estas duas portas interiores apresentam, em toda a altura, cortinas de rede ou tecido adequado. Através da janela e da porta da rua, quando abertas, vê-se a frontaria duma taberna típica, além de outros elementos cenográficos definidores do ambiente de Alfama; por cima da entrada da taberna, um candeeiro antigo de iluminação pública, tipo lanterna grande.

No interior da casa de Amália, cavado numa das paredes, um nicho com a imagem de Santo António, em barro; em sítio adequado, um retrato do falecido marido de Amália; sobre a mesa, um candeeiro de petróleo; na pedra do guarda-loiça, um vaso de manjerico, etc.

É o fim duma tarde de inverno: luz froixa. Quando o pano sobe, Amália passa roupa a ferro e Bernarda, sentada perto da janela semiaberta, cose à mão um pano verde. As duas mulheres estão vestidas de preto. Laboram em silêncio; crispada, sombria, a expressão dos rostos.

CENA I

BERNARDA *(Levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá.)* Pronto! é escusado avisar-te... ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser, quero-o cá em baixo!...

AMÁLIA *(Levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda.)* Tome lá: é isto?

BERNARDA *(Examinando a peça.)* Parece que sim... É, é esta! *(explodindo:)* Ó Amália, corta-me essa maldita corda!: Que diabo, já viste alguém usar uma geringonça dessas, pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, cais daí abaixo e partes uma perna... Arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMÁLIA *(Metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste.)* Olhe, não vê? Pra me enforcar... *(Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.)* Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: Lembre-se do que aconteceu, com a manga daquele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS *(Na rua, a bater à janela.)* Senhora Bernarda!?... ó senhora Amália!!?

BERNARDA *(Que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada.)* Diz lá menina...? que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS *(Mostrando a cabeça, através da janela.)* A minha mãe manda dizer, se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

AMÁLIA *(Sem levantar os olhos do trabalho.)* Dê-lhe, mãe...

BERNARDA *(Dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua.)* Açúcar, batatas, sal...: é tudo! *(A imitar Amália:)* Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! *(Abre a porta:)* Entra, menina!

CENA II

ANINHAS *(Que entrou: beijando Bernarda na face.)* Boa tarde, senhora Bernarda! *(A mostrar um púcaro de esmalte:)* É só uma pitadinha... prò café do meu irmão...

BERNARDA *(Tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas.)* Ai, descansa... está descansadinha que levas pouco! essa te garanto eu... *(Sai pela porta da esquerda, resmungona.)*

CENA III

ANINHAS *(Para Amália.)* Está zangada, a senhora Bernarda?!

AMÁLIA *(Sorriso triste.)* Isso sim, Aninhas!: é modo dela...

ANINHAS *(Nos bicos dos pés.)* Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália!...

AMÁLIA *(Ternura.)* Pois sim, filha... *(Volta-se para beijar Aninhas: de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borrifar a roupa, cai sobre as mãos da menina; esta chora e grita aflitivamente. Horrorizada, a limpar as mãos da criança ao avental:)* Ai, Jesus! o que eu fiz!!... Meu Deus, meu Deus!... Dói?... dói-te muito, filha?...O que eu te fiz... o que eu te fiz!?... *(Beija as*

mãos de Aninhas.) Mãe! Ó Mãe!?... *(Aparece Bernarda, à porta. A chorar:)* Queimei-a, mãe!... Olhe, olhe p'r'aqui... Queimei-lhe as mãos!... Jesus, Jesus Senhor!... *(Aninhas continua a gemer.)*

CENA IV

BERNARDA *(Assustada.)* Deixa ver, Aninhas... deixa cá ver... *(Observa as mãos da menina:)* Não... não é nada!: A água já não estava muito quente... Ora, isto passa num ar!... vais ver, vais ver... Espera, espera aí um instante: vou buscar azeite... *(sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.)*

AMÁLIA Depressa, mãe!: antes que isto empole... *(Bernarda besunta as mãos de Aninhas com o azeite.)* Pobre criancinha!... Veja a minha cabeça, mãe: não sei como fiz isto!... *(Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça:)* Estou doida... doida varrida; só faço mal... só mal!! *(Soluça descontrolada.)*

BERNARDA Pronto, Aninhas... E agora? Já não te dói tanto, pois não?... Espera aí... *(Vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.)* Ó Amália, cala-te, mulher: isto não é nada!?...

CENA V

ROSA *(Entra aflita, empurrando a porta da rua: Corre para Aninhas, abraçando-a.)* Ai, Jesus! Ai, a minha filhinha!... Que foi isto?!... Vamos prò hospital, vamos já!... Mostra, filha: quero ver, quero ver! *(Agressiva:)* Quem foi? Quem foi?!...

BERNARDA *(Severa.)* Não é nada, Rosa. Não grites! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse!! *(Para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta.)* Eh, criaturinhas! andando, andando... Ala, ala!... *(Fecha a porta, com estrondo.)* Coscuvilheiras!... *(Irada, para Rosa:)* Acaba com a choraminguice, cala-te!

ROSA Dói muito, Aninhas?... dói?...

ANINHAS *(Mimo.)* Dói...

ROSA *(Brutal.)* Que raio de gente esta!: Como diabo fizeram isto à criancinha?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA Pronto, aí vem o coice! És pobre e mal agradecida, benza-te Deus...

AMÁLIA *(Torturada.)* Fui eu, Rosa... fui eu!: Não sei... ia a virar-me... foi sem querer... *(Numa explosão de choro:)* Leva a menina, Rosa! Leva-a daqui!! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas: onde elas tocam, é isto que se vê... Sou eu, Rosa! Sou eu, sou eu!...

BERNARDA *(Censura.)* ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA É verdade, é verdade!: Tudo aquilo em que toco, se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu! Não deixes...

BERNARDA *(Autoridade.)* Sossega, Amália! Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA Eu ando a cumprir um fadário, mãe: isto é castigo, é castigo! As minhas mãos não merecem tocar numa crian-

cinha... Deus não se esquece, não... nunca se esquece! *(Ansiosa, terna e assustada:)* Guarda bem os teus filhinhos, Rosa! não os largues, não os percas de vista...

ROSA *(Admirada, Aninhas já não chora.)* Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher!... Já não te dói pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada...

BERNARDA *(Dando o púcaro a Rosa.)* Pega, leva o açúcar.

ROSA Obrigadinha, senhora Bernarda!

BERNARDA É pouco: tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura: Nesta casa, já não há ganho de homem. *(Pausa breve.)* Estamos p'r'aqui duas mulheres... duas pobres mulheres, Rosa!... E, cá p'lo meu lado, já pouco faço... Ai, ai!... A vida, a vida... Dantes outro galo cantava! Ora, dantes...

AMÁLIA *(Retomando o trabalho: dor viva.)* Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA *(A querer restituir o açúcar.)* Se faz falta, eu...

BERNARDA Leva, Rosa. Podes levar.

AMÁLIA *(Absorta, suspendendo a tarefa.)* Mataram-mo. Mataram-me o meu marido, Rosa...

ROSA *(Curiosidade.)* Acabou hoje o julgamento, não foi?...

AMÁLIA *(Desalento, encolhendo os ombros.)* Mataram-mo. Agora, p'r'aqui estou, sòzinha...

BERNARDA Julgamentos... tribunais... juízes: mentiras, Rosa! poucas vergonhas!! *(Ódio:)* Soltaram-no! absolveram o assassino!!! Vê lá tu, vê lá tu!...

ROSA *(Estupefacta.)* Não me diga, senhora Bernarda!!?

AMÁLIA Foi no peito, Rosa: cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... *(Horror:)* Varou-o, de lado a lado! *(Ódio:)* E anda à solta... aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe!... *(Mágoa infinita:)* Atravessou-o de lado a lado, Rosa!... Num segundo, acabou com ele num relâmpago: o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... não mais! *(Apontando para fora:)* Ali... ali, naquela maldita taberna!! A vida dum homem, é como a dum pássaro: um ai a leva!...

BERNARDA Absolvido, Rosa!!: Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMÁLIA *(Com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente.)* É verdade, minha mãe: Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA Dizem que ele, o assassino, é muito novo... um rapazelho ainda!...

BERNARDA Qual, Rosa!!? É um homem feito: tem vinte anos! *(Com rancor:)* E uma alma mais negra do que este pano... *(mostra o tecido da saia.)*

ROSA Mas dizem que foi o seu genro, quem o feriu primeiro...?

BERNARDA *(Rancor, sempre.)* Dizem...

ROSA Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?... É o que dizem...

BERNARDA Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal: E eles absolveram-no, está visto! *(Desdém desesperado:)* Ai, juízes, advogados...! *(Fúria:)* Mentiram! mentiram todos!!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... Mentiram!! *(Mágoa agressiva:)* Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA *(A medo.)* Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMÁLIA *(Cansaço extremo.)* Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses, que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... Só sei que o meu homem está morto... ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...

ROSA *(Encorajada.)* O meu irmão Chico também estava ali na taberna, quando foi a desordem: Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido, alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiças...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo... Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa!: Sério, triste, os olhos claros como água... olha, parecia um santinho de

altar! *(Feroz:)* Enganou-os! intrujou-os a todos!! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... Maldito! Assassino!!

ROSA Dizem que é muito bonito!?...

BERNARDA Bonito, aquele demónio?! *(Levantando as mãos ao alto:)* Jesus! isto brada aos céus!! *(Para Rosa, agressiva:)* Feio, medonho... mais feio que a peste, mais nojento que a cancra negra!... Ai, bonito!?...

ROSA Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal: Uma estampa! um cravo de cheiro!... Credo, o que elas p'r'aí apregoam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julgamento, só prò ver!!...

BERNARDA Maldito seja ele, mais a cadela tinhosa que o pariu!!!

ROSA *(Para Bernarda.)* Isso, é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! o estendal que ela fez: até se juntou gente!: Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prà cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA Grandessíssima cabra!! Eu... eu é que devia ouvir esse sermão!...

ROSA Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... que a um rapaz assim, entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... *(Riso brejeiro:)* Ai, o que eu me fartei de rir!: Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que

foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr p'los queixos, o que aquela alminha p'r'ali gritou!: Que o outro o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos, que o homem dela inteiro; que antes queria viver com ele uma hora, do que a vida toda com o marido... Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!!... Pois julgas que ela se calou, Amália? Pôs-se a espernear como doida na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: É lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!!... Olha, uma vergonha. *(Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual:)* Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMALIA *(Dorida.)* Eu nunca o vi: Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA Desgraças, Amália, desgraças!... Anda Aninhas! *(esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.)* Vamos, vamos lá... Tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele, não pude ir hoje trabalhar... *(Mudança rápida:)* Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: p'lo menos, ninguém o conhece por cá. A família dele, é claro, foi ao julgamento?...

BERNARDA Ora! ninguém, nem viv'alma, lá pôs os pés: Aquilo é ortiga ruim, filho de galdéria e de vadio!... Dizem que tem andado sempre embarcado, ao Deus dará, p'las sete partidas do mundo... Assim sempre, desde pequeno.

ROSA Isso! foi isso que eu li no jornal. Chama-se — como é?... — Marinheiro... António Marinheiro...?! Se calhar, é alcunha... *(Mudança; dando o açúcar a Aninhas e empurrando-a para a rua:)* Vai, filha! Vai prà beira do menino,

que eu não me demoro nada... *(Sai Aninhas. À porta, a falar para fora:)* Não te tires de ao pé dele!... *(Entra de novo, cerrando a porta.)*

CENA VI

BERNARDA *(Encolhendo os ombros.)* Sei lá... Ó Amália?! *(esta, absorta, não responde.)* Amália?!!

AMÁLIA Diga...

BERNARDA Tu reparaste no outro?...

AMÁLIA *(Fadiga.)* Qual outro, mãe?...

BERNARDA O da camisola azul, aquele do boné de marujo!?... Ó mulher, não o viste?! Pois olha que esse estava sempre lá caído: não faltou a uma audiência!... *(Amália encolhe os ombros.)* Parece que são os dois do mesmo navio. A conversa aqui da Rosa fez-me pensar: e se eles fossem irmãos?... Unh, não me cheira: não têm a mesma pinta... *(Ouve-se, na taberna, uma guitarra.)*

AMÁLIA *(Enervada.)* Pronto, mãe, acabou-se! Vai, Rosa, vai-te embora; olha o teu pequeno!... Não quero que me falem mais nesse homem... *(gesto de Bernarda:)* Não quero, já disse!... *(Indicando, com um sinal da cabeça, a taberna:)* E aqueles sempre naquilo: Maldita guitarra! malditos homens!... *(Desequilibrada, a chorar:)* Maldita taberna!!!

ROSA *(A escutar a guitarra: terna, alvoroçada.)* É capaz de ser o meu Adolfo: Toca tão bem, não toca?!... Ai, deixa-me lá ir... Obrigadinha pelo açúcar! *(À porta:)* É ele é...

AMÁLIA Um raio! não vir um raio do céu que as queimasse a todas!!: As tabernas são lugares de morte, Rosa. Tira o teu rapaz dali, vai buscá-lo, não o deixes lá ficar: se não um dia vêm dizer-te que... Ai, matam-to, fica sabendo!...

ROSA *(Embevecida a ouvir o fado que Adolfo toca na guitarra.)* Que bem que ele toca, Amália!...

AMÁLIA *(Transida, a tremer, levantando-se.)* Um dia, quando estiveres descansadinha da tua vida, no melhor do sono, quando mal o esperes, Rosa! entram-te pela casa dentro umas alvìssareiras, mais negras que a noite, a gritar... Cada grito! ai, cada grito mais medonho!: «Corre! corre que o teu homem esgota-se em sangue!!»... E tu... depois... quando, com o coração desfeito em fezes, lá chegas... achas-te com um morto nos braços!!! Malditas tabernas! São lugares do demónio, Rosa!: *(Uns passos, torturada:)* Mudam um homem bom, um não te rales de mansidão, um fio de prumo de honradez — como era o meu! — num malvado, pior que as feras...

BERNARDA *(Lúgubre.)* É o vinho...

AMÁLIA *(Violenta.)* É o diabo, mãe!! *(Silêncio breve.)* A primeira vez que eu fui dar com o meu homem ali...

BERNARDA *(Nervosa, interrompendo.)* Estava bêbado...

AMÁLIA Sim, estava bêbado: Olhou pra mim cheio de raiva...

BERNARDA Lá vens tu com isso... Estou farta! Ele está morto: cala-te!!

AMÁLIA *(Violência gelada.)* Com raiva, mãe!: com os olhos encharcados em sangue, os dentes arreganhados, a babar-se